

ATIVIDADES DE LEITURA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Lígia Gabriela da Cruz dos Santos, Marília Danielli Rodrigues Pontes, Nilson Soares de Vasconcelos Júnior

(Universidade estadual da Paraíba-UEPB, ligiinhacruz@hotmail.com, danny23pontes@gmail.com, nilsonsoares21@hotmail.com)

RESUMO

O trabalho apresentado a seguir, trata-se de um relatório de estágio que foi de suma importância para nós estagiárias de Língua Portuguesa. Diante as nossas aulas percebemos que o estágio serve para formação inicial dos docentes, o qual o estudante passa a ter um contato direto com a sala de aula, além de ser uma forma de contrapor teoria e prática, ou seja aplicarmos todos os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso. O presente trabalho tem como objetivo geral apresentar relatos vivenciados no estágio de intervenção II, que por sua vez foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Emília com a turma do 7º ano (B), que fica localizado na rua Presidente Médici, em Campina Grande – PB. A faixa etária da turma era de 12 à 14 anos, e a maioria apresentava dificuldade acerca da leitura. A professora titular da sala demonstrou muito interesse diante das nossas aulas. Para isso, tivemos que elaborar um proposta de atividades que contemplava os gêneros tais como: Poema, Tirinha, charge, HQ, Notícia, Reportagem e Memes. Nossos objetivos específicos era: a contribuição com o processo de leitura dos discentes, desenvolver a habilidade de identificação e domínio dos gêneros propostos, estimular a oralidade do aluno através de leituras, discutir acerca da linguagem coloquial através dos gêneros textuais e literários, visando desconstruir o preconceito linguístico e discussões de textos e mostrar a diferença entre a língua padrão e não-padrão para que eles pudessem diferenciar o momento de usar a linguagem adequada em diferentes contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Aprendizagem. Formação de Professor.

APRESENTAÇÃO

Este artigo apresenta relatos vivenciados no estágio supervisionado II. A disciplina de estágio nos proporciona conhecer e vivenciar a realidade na sala de aula, sendo este o estágio II, não somos mais apenas observadores das aulas, mas mediadoras e agora com uma responsabilidade um pouco maior porque estamos não mais na teoria, mas na prática.

O estágio além de ser um meio pelo qual o estudante de Língua Portuguesa passa a ter um contato direto com a sala de aula, é também uma forma de adquirir experiências e é de grande importância no curso de licenciatura em letras, bem como em todas as outras licenciaturas, não apenas por ser uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (n 9394/96) como também, tem a oportunidade de contrapor teoria e prática, mobilizando todos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Nosso objetivo como professores de língua portuguesa é formar alunos proficientes, capazes de ler, interpretar e redigir textos de acordo com os gêneros propostos.

O artigo é organizado em cinco tópicos: apresentação, contexto teórico de língua e literatura, análise das atividades de leituras no ensino fundamental, considerações finais e referências.

Em nossas aulas no ensino fundamental, aplicamos conhecimentos teóricos estudados no estágio I na universidade estadual da Paraíba, e temos como base os autores ANTUNES (2003), COSSON (2006) e TODOROV (2012).

METODOLOGIA

Ensinamos através de aulas expositivas, debate de textos que englobavam diferentes gêneros, também aplicamos dinâmicas para cada subtema fazendo com que os alunos se interessassem pelas nossas aulas. Utilizamos data show, cartaz, caixa de som e módulos. Percebemos que foi de suma importância trabalhar dessa forma pois os alunos da Escola Maria Emília eram acostumados a terem aulas apenas com o livro didático.

CONTEXTO TEÓRICO DE LÍNGUA E LITERATURA

Em nossa vivência acadêmica estamos diretamente ligados à estudos que discutem as abordagens teórico-metodológicas referentes ao ensino de língua e literatura nas escolas.

O ensino de língua, na maioria das vezes, é centrado em aulas descontextualizadas em que o foco é apenas a gramática. Os alunos são levados a decodificarem regras gramaticais sem saberem a sua real função. O professor de Língua Portuguesa, por sua vez, sabe a importância de textos bem redigidos, sem erros gramaticais, até porque é desestimulante realizar a leitura de um texto com muitos erros de ortografia. Porém, é de extrema importância que o docente trabalhe a leitura em sala de aula, pois “a leitura é a forma primordial de enriquecimento da memória, do senso crítico, e do conhecimento sobre os diversos assuntos acerca dos quais se pode escrever.” Garcez (2004). O professor, ao planejar suas aulas, precisa contemplar a leitura tanto individual, que leva o aluno a um primeiro contato com o texto e à reflexão sobre o assunto tratado, quanto coletiva e compartilhada, que trabalha-se a oralidade do discente.

A escola deve ousar mais nas atividades voltadas para as práticas de leitura do aluno. Segundo os PCN’S é preciso que a escola forme leitores competentes, que consigam construir significados a partir dos diferentes gêneros textuais, atribuindo relações entre leitura

e escrita, de forma que ambos estejam sempre interligados. Consonante com Antunes (2003):

Falo de uma leitura interacionista. Não apenas porque a leitura permite o encontro entre dois ou mais interlocutores; mas sobretudo, porque esses interlocutores são autores-leitores e leitores-autores que já trazem em seus repertórios experiências de outras escritas e de outras leituras.(ANTUNES, 2003, p. 203).

Como visto, a leitura é uma fonte de conhecimento e que implica no ato da comunicação. A partir da leitura, fazemos uso de diferentes gêneros textuais, orais e escritos, desta forma, é preciso que o professor de Língua Portuguesa elabore suas aulas levando em conta a necessidade dos alunos em conhecerem e serem capazes de produzir os diferentes gêneros textuais, visto que “os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder.” (Marcuschi, p, 162). Assim, por meio dos gêneros, somos capazes de agir diante da sociedade, mas para isso, precisamos conhecê-los e saber que cada um tem a sua função.

É preciso preparar o aluno não apenas para o contexto escolar, mas para a vida, por esta razão é tão importante que ele conheça e seja capaz de produzir os diferentes gêneros. São situações que ele irá se deparar ao longo de sua vida e o professor precisa estar ciente disso e assim, criar estratégias de leitura, de escrita que possibilitem o discente a absolver tudo que o tornará um ser ativo e crítico diante da sociedade.

O ensino de literatura, por sua vez, não é diferente. Este é deixado de lado na maioria das vezes, pois, tendo em vista o curto período das aulas, muitos professores justificam o fato de não trabalharem a literatura por não terem tempo

A forma como a literatura é trabalhada na escola, e quando é, não desperta no aluno o interesse em conhecer os autores que são trabalhados, a temática que está sendo trabalhada. Na maioria das vezes, o professor apenas enfatiza a história literária, predominando apenas o meio externo e afastando o que, na realidade, está presente em tudo.

Ao trabalhar a literatura é preciso mostrar para o aluno que esta tem uma função social e está relacionada com tudo, sendo assim, não pode ser separada dos meios políticos e nem da religião, pois é um espaço comunicativo e que expressa opiniões de diferentes contextos. Por isso, ela deve ser trabalhada de forma que o professor aproxime-a dos alunos e não que a distancie destes ainda mais.

Trabalhar a literatura na sala de aula é, antes de tudo, proporcionar ao aluno a possibilidade de se colocar no lugar do outro, pois como bem afirma ABREU (2016) ao final de cada leitura ele adquire conhecimentos e experiências capazes de transformá-lo em um cidadão mais justo.

Através da leitura dos gêneros literários, o aluno pode descobrir sua liberdade e expressar-se diante da sociedade. Assim, o profissional de Língua Portuguesa precisa conhecer os gêneros que seu aluno gosta de ler, valorizar a primeira interpretação feita por ele e a partir daí, partir do que ele já conhece para aquilo que é novo. COSSON (2006),

Crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que o aluno não conhece, afim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leituras. (COSSON, 2006, p.35).

A compreensão do texto literário na faixa etária do ensino fundamental II é de suma importância, pois os discentes estão em formação escolar, tempo de adaptação para novos saberes. O educador precisa apresentar e trabalhar a diversificação dos textos literários, fazendo com que os alunos conheçam os diferentes gêneros e que por meio destes se entreguem e mergulhem em um universo que é cheio de magia e de emoção. Mas por outro lado, precisa mostrar também que ela tem uma função social.

Sabemos que os problemas enfrentados pelos alunos são muitos, alguns não têm incentivo à leitura, pois a família não tem estrutura para o ensino, às vezes as escolas não têm bibliotecas, mas é preciso que o professor de Língua Portuguesa, mesmo se deparando com inúmeros obstáculos em sala de aula, priorize também o ensino de literatura e através dos diversos gêneros literários, seja capaz de despertar no aluno o gosto pela leitura, e além disso, torne o aluno um leitor ativo.

Assim, a partir de uma leitura como interação social é que o aluno consegue atribuir significado ao ato de ler, pois há a aproximação entre o leitor e o texto, e é desta forma que o aluno, aos poucos, vai encontrando sentido no texto.

De acordo com os teóricos citados acima e com os nossos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de Letras, tentamos direcionar nossas aulas a partir de uma nova perspectiva de ensino, tomando como base, as experiências vividas por alguns autores e professores do curso de Língua Portuguesa.

ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE LEITURAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

O estágio de intervenção foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Emília O. de Almeida, localizado no bairro Presidente Medici em Campina Grande. Em turma de 8º ano b do Ensino Fundamental, com a quantidade de 20 alunos e faixa etária entre 12 a 14 anos. As aulas lecionadas foram planejadas a partir do nosso tema “Diversidade Cultural Nordestina”. Elaboramos uma proposta didática para

cinco encontros e planejamos nossas aulas de acordo com diversos gêneros textuais como: , tirinhas, HQ, notícias, reportagens, memes, imagens e músicas, com o intuito de tornar as aulas dialogadas, prazerosas, e com o propósito de contribuir para a formação de alunos proficientes.

No primeiro encontro, nós estagiárias nos apresentamos para a turma e posteriormente pedimos que cada aluno se apresentasse e falasse sobre suas expectativas e objetivos para o futuro. Em seguida, entregamos uma folha em branco para cada discente e pedimos que estes escrevessem ou desenhassem o que para eles representa cultura. Este momento foi de grande impacto para nós, pois os alunos se entreolharam com um ar de desentendidos e falaram, a grande maioria, que não sabia o que era cultura.

Desta forma, explicamos brevemente o que é cultura e determinamos um tempo para a entrega da produção. Sendo este nosso elemento motivador, fizemos uma pequena mudança quanto a forma que planejamos, pois diante da dificuldade dos alunos sobre cultura, usamos a produção deles para explicar e já contextualizar com a aula. Em seguida, tiramos várias imagens que representava cultura e falamos de cada uma. Com isso, apresentamos nosso tema: Diversidade Cultural Nordestina e o subtema: Conhecendo a Nossa Tradição.

Ao iniciarmos uma discussão sobre as Diversidades da Cultura Nordestina, os alunos se envolveram rapidamente no assunto e falaram sobre o São João de Campina Grande, o frevo que tem no Recife, o axé que tem na Bahia, falaram das procissões, de imagens de santo que tem nas cidades, comentaram sobre o artesanato que também é uma cultura. Em relação as comidas, falaram sobre pamonha, canjica, tapioca, angu, milho cozido, assado, cocada, paçoca e entre outros. Buscamos estabelecer uma relação de sentido entre o que eles já conheciam sobre cultura, mesmo que à princípio eles não soubessem que já conheciam.

Ao trabalharmos o vídeo com a música de Marcelo Rios, a qual fala da região Nordeste especificando os nove estados e suas capitais, percebemos que os alunos gostaram, pois não sabiam os nomes, exceto Juliana e Pedro que já conheciam e que foram uns dos que se destacaram em nossas aulas por serem mais participativos. A partir disto, fizemos uma ponte com o cordel de Carlinhos “Nordeste: aqui é o meu lugar” em que o Nordeste é exaltado pelas suas belezas naturais e pela rica cultura que o compõe.

Para iniciar a leitura do cordel, pedimos uma leitura silenciosa para que estes tivessem uma primeiro contato com o texto, após a leitura, mediamos as duas primeiras estrofes e pedimos para que eles dessem continuidade.

Ao propor que algum deles iniciasse, percebemos que todos tiveram resistência, à princípio tivemos a dúvida se essa resistência era por ser o nosso primeiro dia no estágio, ou se era pela carência de leitura deles, e de certa forma, na primeira leitura que foi feita, foi perceptível a carência de leitura.

Após a leitura do cordel, fizemos uma abordagem temática sobre o mesmo, e posteriormente sobre as características que compõe um poema popular. Nesta ação, deixamos um pouco a desejar, pois poderíamos e deveríamos ter explorados um pouco mais o gênero trabalhado.

Em seguida trabalhamos a tirinha em slide “escrever um mundo num livreto”, exibimos esta e pedimos que fizessem uma leitura silenciosa, logo após questionamos sobre o que entenderam, alguns explicaram que o texto estava valorizando a leitura do cordel, e abriu espaço para opiniões dos demais, embora estes falassem baixinho e muitas vezes inibidos, uns dois ou três se destacaram na sala por gostarem de ler. O que não observamos de início, das hipóteses mencionadas um pouco antes, preferimos acreditar que o problema da maioria não querer ler, era o fato de sermos professoras novas. Ao finalizar, mostramos que os dois gêneros trabalhados na aula, o poema popular e a tirinha, eram de gêneros diferentes, um era literário e o outro não literário.

No nosso segundo encontro, iniciamos a aula com uma imagem de corpo humano desenhado na cartolina e ficou exposto no quadro. Também, levamos os nomes que fazia parte do esqueleto nordestino, pedimos aos alunos para retirar de dentro de uma caixa os nomes de alguns órgãos. Esse era o nosso elemento motivador para a introdução do subtema, porém, a nossa forma de abordar a dinâmica, não foi tão satisfatória, poderíamos ter explorado mais, visto que seria um momento até mesmo de descontração para eles. Depois que os alunos colaram os nomes referentes a cada órgão, falamos o nosso subtema a ser trabalhado.

Em seguida, explicamos de forma superficial a diferença entre dialeto e sotaque, poderíamos ter escrito no quadro o significado de cada um pois alguns alunos ficaram confusos com relação ao sotaque e ao dialeto.

Fizemos a leitura da reportagem “O falar do nordeste” retirada do site Universia.net, depois discutimos sobre a temática do texto, infelizmente tentamos equilibrar entre a aula de língua e a exploração dos aspectos temáticos, mas trabalhamos mais a temática, o que acabou fugindo um pouco da aula de língua. Feito isto, revisamos as características da reportagem.

Depois, discutimos duas tirinhas de Mauricio de Souza com alguns personagens da turma da Mônica. A partir do texto, Trabalhamos variação linguística acerca da linguagem dos personagens. Durante a leitura mostramos as características que compõem tirinhas, mostramos aos alunos que a língua muda de acordo com cada região e que a língua está em movimento.

Depois da leitura das tirinhas, exibimos um vídeo de patativa do Assaré “Cabra da Peste” depois do vídeo discutimos acerca do nordeste enfatizando as belezas que tem no nordeste, reforçamos as características de um poema popular.

No segundo momento da aula falamos um pouco da biografia de Patativa do Assaré, também levamos um livro com seus poema populares inclusive o que ele declamou no vídeo. Essa aula foi de suma importância para nós pois a maioria dos alunos não conheciam o autor e nem sabiam que ele teve pouca leitura, mas que tinha um grande conhecimento sobre o Nordeste.

Para finalizar a aula, escolhemos dois alunos para fazerem a leitura de uma charge “falo fluentemente” a qual encontramos no blogpost. Após a leitura discutimos a temática do texto, todos os alunos participaram, com pontos de vistas diferentes acerca da charge, reforçamos sobre a variação linguísticas em que a língua muda de acordo com seu ambiente ou região.

Depois pedimos aos alunos para fazerem a leitura de outra charge, mas de forma silenciosa e em seguida, nós fizemos a leitura em voz alta e discutimos acerca da temática da charge que falava sobre desigualdade social, os alunos também perceberam o jeito que os personagens se vestiam e de como ambos de classes diferentes se pronunciavam. Logo após, revisamos as características do gênero charge também mostramos aos alunos que a Língua Portuguesa pode variar através do ambiente cultural e social e que o preconceito não está apenas no jeito de falar mas no modo de se vestir.

No terceiro encontro, iniciamos a aula fazendo a exibição do vídeo “preconceito linguístico- Marcos Bagno” o qual mostrava os mitos que foram criados sobre a língua. Após o vídeo, mostramos o livro “preconceito linguístico o que é e como se faz” que é de Bagno, para que os alunos tivessem o contato com o livro. Após isso, falamos um pouco sobre o autor, algumas de suas obras e o que ele defende.

Em seguida, falamos sobre o mito dois presente no livro, questionamos sobre o ponto de vista deles à respeito do preconceito linguístico, e alguns alunos responderam que sempre zombavam quando alguém falava inadequado, pois achavam

muito engraçado. Mas, mostramos que isso é preconceito e que a pessoa que for agredida oralmente pode procurar seus direitos ou seja, preconceito linguístico é coisa séria. Ensinaamos aos discentes que em certos ambientes podemos usar a linguagem não padrão, mas que em outros devemos usar a linguagem padrão. Ensinaamos aos alunos que a língua falada muda e acordo com cada região ou ambiente. Mas, a língua escrita não muda, pois a linguagem adequada é norma padrão.

Logo após, entregamos uma notícia “Renata Alves é vítima de preconceito racista” sem identificar para eles o gênero e pedimos primeiro uma leitura silenciosa para que todos ficassem por dentro do assunto a se trabalhar. Depois da leitura pedimos para um aluno explicar o que entendeu sobre o texto, o mesmo explicou que Renata Alves sofreu preconceito no seu sotaque, e que isso era errado pois cada um tem seu jeito de falar, e as vezes sua fala já é marcada pela cultura. Outros alunos deram continuidade nessa discussão e foi interessante ouvir as diferentes opiniões sobre um mesmo assunto.

Após, essa discussão perguntamos se os alunos conheciam o gênero textual que estava sendo trabalhado na aula, e a aluna Juliana junto com sua amiga Yasmim responderam que tratava-se de uma notícia, pois era um texto curto e não tinha dados aprofundados ou seja servia apenas para informar o fato acontecido. Desta forma, complementamos que realmente era um notícia pois a linguagem era objetiva, com o intuito de informar um fato corriqueiro e os outros alunos foram falando outras características presentes numa notícia.

Seguindo nossa sequência mostramos uma reportagem em vídeo “reportagem com Jessier Quirino” depois da exibição do vídeo entregamos uma reportagem impressa “Por que o sotaque muda conforme a região?” e fizemos uma ponte entre ambos os textos, mostrando para eles que ambas tratavam de um mesmo tema “Sotaque Nordestino” e assim reforçamos a diferença entre dialeto e sotaque, levando-os a refletirem acerca da linguagem e das suas especificidades.

Depois, reforçamos as características que compõem uma reportagem e finalizamos a aula. Não da forma como havíamos planejado na sequência, pois o tempo não foi suficiente para concluir o conteúdo. Desta forma, recolhemos o material para utilizá-lo no início do sexto encontro como forma de concluir o conteúdo do quinto encontro. O texto era “o poeta da roça” e por ser um texto literário, de linguagem popular exigia muitos conhecimentos.

No quarto encontro, falamos brevemente do subtema, e perguntamos se eles sabiam que existiam o dia do nordestino e para nossa surpresa não conheciam, então entregamos uma reportagem feita pela redação do Globo Rural “Dia do Nordeste”

é comemorado neste dia oito de outubro”. Diferente da sequência pedimos para uma aluno realizar a leitura. Depois fizemos uma discussão temática do texto em que tratava-se de uma homenagem a Patativa do Assaré

Deveríamos ter explorado um pouco mais as características da reportagem, porém, focamos mais no poema que a reportagem trazia como forma de apresentar o trabalho de Patativa, e assim a aula fugiu do que tínhamos planejado. Para tentar equilibrar a aula, reforçamos as características do gênero reportagem. Durante os encontros, a maioria do alunos conseguiram identificar o gênero reportagem, através das características que passamos para eles.

Depois fizemos a exibição de três memes do bode gaiato, selecionamos alguns alunos para realizarem as leituras, e percebemos que os outros alunos começaram a rir da leitura feita por alguns colegas, mas de imediato nós quebramos com esse preconceito. Nesta ação da aula, percebemos que cometemos alguns erros, pois a forma como trabalhamos os memes não parecia que se tratava do bode gaiato. Não havia humor entre o texto e os alunos. Em seguida, levamos a imagem do criador dessa página, enquanto o celular passava pelas mãos dos alunos, falamos brevemente sobre ele e sobre a origem da página. Também mostramos alguns dos memes que fizeram mais sucesso em 2016. Porém, a imagem estava horrível no slide, mas os alunos conseguiram lembrar delas no facebook.

Em seguida entregamos um poema de Marcilio Siqueira eu não troco meu oxente pelo ok de ninguém, o qual referia-se a um dos memes discutido momentos antes sobre Ariano Suassuna. Infelizmente, não fizemos a leitura coletiva porque o nosso horário havia terminado

No quinto e último encontro, iniciamos a aula dando continuidade ao assunto do sexto encontro, pois, fizemos a leitura de um poema de Marcilio Siqueira, que se relacionava com memes de uma frase de Ariano Suassuna, “Eu não troco meu oxente pelo ok de ninguém!”. Fizemos uma breve discussão de cada estrofe e reforçamos algumas características de um poema popular.

Depois exibimos um vídeo de Bráulio Bessa que falava das ofensas ao povo do nordeste, debatemos rapidamente sobre o vídeo exposto e continuamos a aula com a exibição do vídeo “Uma resposta ao preconceito” também de Bráulio Bessa. Após o vídeo fizemos uma breve discussão acerca do preconceito linguístico, explicamos a forma adequada e inadequada de acordo com um quadro retirado do livro “A língua de Eulália” de Marcos

Bagno. A imagem mostrava de um lado a linguagem formal e do outro a linguagem informal;

Em seguida, os alunos realizaram a leitura de uma reportagem “o preconceito deveria ser crime” e depois discutimos sobre a temática do texto, inclusive, usamos algumas variantes que estavam nesse gênero, para explicar para os alunos. De forma lúdica, entregamos o poema de Patativa do Assaré, dessa vez separamos seis alunos para cada um declamar uma estrofe, depois da belíssima leitura feita por eles, discutimos brevemente cada estrofe, após cada abordagem das estrofes íamos reforçando as características que formam um poema.

Para aprimorar nossa aula exibimos um, vídeo de Elba Ramalho “Nordeste Independente”, depois que escutamos a música nós informamos que seu compositor é Bráulio Tavares. Ainda falamos um pouco sobre Elba Ramalho visto que esta é Nordestina.

Para concluir nossa aula exibimos um vídeo de Bráulio Bessa que mostra a homenagem ao povo nordestino e falamos sobre o preconceito linguístico que persiste na sociedade e com isso conscientizamos a respeito desse preconceito. Continuamos com uma brincadeira “não deixe a peteca cair”, com isso foi Elaborado seis perguntas referentes as temáticas trabalhadas nos encontros, este momento foi maravilhoso separamos dois times um para as meninas e outro para meninos, nesse jogo todos saíram ganhando pois foi uma forma de recuperar os conteúdos.

Nosso último dia foi registrado com muitas fotos da turma e inclusive com a professora titular da classe. Depois fizemos um discurso de despedida, e foi neste momento que percebemos o quão importante foi as nossas aulas para aqueles jovens. Muitos disseram que gostaria de nos ter como professoras titular da sala, para que assim, as aulas não fossem sempre a mesma coisa.

Depois a professora elogiou-nos e se desculpou pela escola não ter dado assistência acerca dos recursos didáticos e se despediu, pois a mesma estava em outra aula, visto que ela pediu para o professor da terceira aula nos ceder essa aula para que pudéssemos concluir o encontro sete.

E por fim saboreamos o lanches que levamos para os alunos como bolo, guaraná, pipoca e chocolate. Lembrando que tomamos três aulas com ordem da direção e do professor de Matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findamos o nosso artigo com a certeza de que o estágio de intervenção nos proporcionou muitos conhecimentos e nos fez perceber a

importância do planejamento escolar e da sequência didática para a preparação do professor em sala de aula. Pois, como visto no estágio supervisionado I, um dos principais fatores que contribuem de forma negativa para o não aproveitamento das aulas é a falta de planejamento escolar.

“No caso do planejamento educacional, esse ainda exige a capacidade de definir, selecionar e organizar “conteúdos” que deverão ser tematizados por meio de ações didáticas distribuídas no tempo e no espaço escolar.” (KLEIMAN, 2001). Portanto, é preciso que o professor planeje suas aulas visando todo o contexto em que os alunos estão inseridos, selecionando bem os conteúdos a serem trabalhados, pois são esses conteúdos que irão fazer, ou não, a diferença na vida dos alunos.

É de suma importância também, elencar que através do estágio, evidencia-se que nem sempre uma boa sequência será sinônimo de boas aulas. É preciso que o professor não só prepare a sequência, mas que esteja certo de que poderá haver imprevistos e que diante destes, ele precisará estar sempre com o plano b apto para colocar em ação.

A partir das experiências vivenciadas no estágio, podemos estabelecer uma relação entre teoria e prática tendo a convicção de que o professor precisa sim das teorias para que possa fundamentar as suas aulas. Pois, muitas vezes o estudante universitário de licenciatura costuma questionar sobre o porquê de estudar tantas teorias, e apenas em um contexto real, é possível perceber a sua importância.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: ANTUNES, 2006.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editora, 2003.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: A Secretária, 2001.

COSSON, Rildo **Letramento Literário: teoria e prática** \ Rildo Cosson – São Paulo: Contexto, 2006.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo **Técnica de Redação: O que é preciso saber para bem escrever** \ Lucília Helena do Carmo Garcez. – 2* ed. – São Paulo: Martins Fontes, 20004.

KLEIMAN, A.B. (org.) **A formação do professor**: perspectivas da Linguística Aplicada. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2001.

MARCUSCHI. L.A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TODOROV, Tzvetan 1939 - **A literatura em Perigo** \ Tzvetan Todorov; tradução Caio Meira – 4 * ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.